

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século  
XXI.**

**Mudanças, impactos e perspectivas.**

**GT 15 - Conflictividad laboral, sindicalismo y movimientos sociales en América  
Latina en el siglo XXI**

**Mobilizações coletivas e crise do sindicalismo: o movimento *occupy***

**Ariovaldo de Oliveira Santos, universidade Estadual de Londrina, Doutor em  
Ciências Sociais Université Paris I – Panthéon Sorbonne**

## **Mobilizações coletivas e crise do sindicalismo: o movimento *occupy***

**Resumo:** Este artigo tem por finalidade analisar alguns dos elementos constitutivos presentes nas recentes formas de mobilização coletiva que buscam se contrapor aos movimento de mundialização do capital. No caso em destaque, a análise está centrada nos *Occupy*, os quais atraíram a atenção em razão de suas bandeiras e práticas midiáticas. Enquanto expressão de luta coletiva, estas manifestações têm, também, uma marca que se traduz na desconfiança ou descrédito em relação a formas tradicionais de organização dos interesses, como os partidos políticos, ou lutas coletivas de classe, como é o caso dos sindicatos. Neste sentido, é possível afirmar que elas se constituem em mais um momento no qual se expressa o que se convencionou chamar por crise sindical.

A juventude, sociologicamente falando, refere-se a um conjunto bastante definido, seja pelas suas características etárias, seja pelas sociais. No caso em questão, o da existência do *Occupy*, aliado a outras manifestações recentes, como as de Seattle e Praga, bem como os conflitos nas ruas gregas, há cerca de três anos, ou a chamada *Primavera Árabe*, é incontestável a presença destes contingentes, definidos como jovens, menos, talvez, porque saibam utilizar a internet como recurso para expor suas idéias, mobilizarem-se e irem pelas ruas, e mais, com certeza, em razão de que têm sido eles, já de longo período, afetados profundamente pelas transformações em curso no capitalismo contemporâneo. Assim como ocorreu no *maio de 1968* e diversas outras manifestações do período, pouco comentadas mas não menos existentes, a emergência destes contingentes definidos como jovens no espaço público resulta de um mal estar real, o qual pode ser negado apenas no plano da imaginação.

Grécia, Londres, Oriente Médio, Estados-Unidos, em todos os pontos do Planeta onde as relações capitalistas estenderam seu “modo de vida”, verifica-se uma realidade relativamente homogênea para os jovens, ainda que não restrita a eles: a possibilidade de acesso a uma determinada formação profissional, via escolarização, que não corresponde, contudo, às aspirações pretendidas de inserção na vida social. Dois exemplos são, neste sentido, importantes de serem citados. De um lado, os “milleuristas”, ou geração mil euros, há alguns anos também chamados por “geração 600 marcos” ou “geração Mac Donalds”. Expressões que, à parte variações possíveis de serem encontradas dentro das fronteiras de cada Estado Nação, remete a uma realidade marcada pela disponibilização, aos jovens, de empregos sem grandes promessas futuras, mal pagos, instáveis no que se refere aos contratos de trabalho e marcados por uma forte tendência à rotatividade (turn-over) e absenteísmo. Soma-se a isto a intensidade com a qual o fenômeno do desemprego atinge estes contingentes.

No atual contexto, a internet tem se constituído em instrumento importante para a aglutinação de individualidades dispostas a exprimir seu descontentamento. Ao mesmo tempo em que facilita a difusão das iniciativas e estimula à realização de outras, em vários pontos de um mesmo país ou, mesmo, em diversos países, quase que simultaneamente, assistimos a um momento da processualidade contraditória presente nas forças produtivas capitalistas. Ao mesmo tempo em que permitem a chamada conexão em rede dos interesses dos capital, criando as condições para que ele opere nas

vinde e quatro horas do dia, estas mesmas forças são apropriadas por um conjunto heterogêneo de vontades que se sentem desconfortáveis na sociabilidade contemporânea.

Certamente, existem elementos reais, concretos, possíveis de serem encontrados na eclosão do *El movimiento 15 de mayo* e no *Occupy*. Em ambos, embora as camadas mais jovens de cada país se apresentem com maior evidência por ocasião das manifestações que têm ocupado as ruas para protestarem contra as condições existentes no capitalismo global, destaque-se que a instabilidade do emprego para este contingente não autoriza uma determinada leitura de que a classe operária, trabalhadora ou proletária tenha voltado à ofensiva.

Observe-se ainda que os “mais pobres” fazem-se presentes, mas tendo como parceiros a participação de estratos médios que, por condição ou situação de classe, se apresentam historicamente como pouco predispostos a abraçarem causas revolucionárias, embora geralmente se manifestem favoráveis às manifestações de contestação que não transcendam os limites da ordem social configurada. Este elemento deve ser considerado em uma análise mais acurada sobre as potencialidades contidas na multiplicidade de manifestações que, nos últimos anos, têm apontado para a existência de um mal estar na civilização contemporânea.

Esforço semelhante deveria acompanhar o processo de compreensão das demais eclosões com forte componente popular, como o M 15 e o *Occupy*, na medida em que neles atuam elementos próximos, ainda que dentro de uma outra contextura social. É insuficiente afirmar que “o movimento *Occupy* (Ocupar) pretende se inscrever na linha dos ‘indignados’ espanhóis e faria eco, à sua maneira, à Primavera Árabe”

Dito de modo mais problematizador, qual a composição social interna destas manifestações ? Quais estratos sociais estão envolvidos ? Questões significativas quando se pretende refletir sobre as potencialidades e limites contidos nas eclosões populares verificadas mas que não as torna, necessariamente, proletárias, ainda que se reconhecendo o impacto que tem tido a degradação de condições de existências das camadas mais jovens na estrutura do capitalismo global.

Sintomático da nova situação dentro da qual estas lutas pretendem ser travadas é o distanciamento que elas revelam em relação a partidos e sindicatos e, igualmente, a

ideologias políticas, ainda que estas se façam presentes, mesmo que não estando conscientemente evidente para os manifestantes. Nascidas das próprias necessidades cotidianas, não se torna, portanto, estranho, que o leque das reivindicações seja por vezes bastante amplo e, mesmo, que ataquem a forma e não o conteúdo da sociedade contra a qual pretendem protestar. Há o reconhecimento do peso que o capital financeiro tem assumido no tempo presente, a identificação do aprofundamento das distâncias entre as classes, traduzidas na expressão “desigualdades sociais” e, também, do esgotamento das formas mais tradicionais de democracia representativa. Entretanto, carentes de uma compreensão teórica sólida, estes elementos permanecem como partes de um todo fragmentado e carente de mediações. Do ponto de vista da construção de uma luta política efetiva as mobilizações em pauta atestam para os limites pretendidos. Efetivamente, trata-se de um embate contra a forma assumida pela política e não pela supressão da política, ou seja, das estruturas de poder. Por outras palavras, o que se coloca no horizonte, percebido por diversos autores como um dos elementos mais positivos destas mobilizações, é a exigência de “superação do sistema político representativo” existente, prisioneiro que está dos interesses econômicos.

Outra questão igualmente inquietante é: “Há um projeto de sociedade que norteie estas ações ? Entendendo-se aqui por projeto de sociedade a perspectivação de se construir, efetivamente, uma alternativa ao capitalismo. A resposta aponta para a negativa. O que se pretende, efetivamente, são reformas, de tal modo que se busca combater os efeitos mas deixando relativamente protegidas as causas, ainda que os protestos se direcionem a uma abstrata classe dominante, identificada por vezes na subordinação dos partidos aos interesses econômicos globais, ou ao slogan dos “99% contra os 1%”, traduzido também na sua forma pré-marxiana de “os pobres contra os ricos”.

Respeitadas as especificidades do país, dinâmica semelhante acompanhou a eclosão do Occupy Wall Street. Mais uma vez o que se verifica é a ausência de uma real determinação proletária, como muitas vezes se é induzido a crer, a julgar pela proliferação de matérias em todos os meios de comunicação que chama a atenção para a presença dos “excluídos” pelo processo de globalização. Também neste caso, não são os assalariados que se colocam na origem da manifestação e sim camadas médias.

Para além de sua composição interna, no que se refere aos estratos envolvidos, é preciso considerar o espectro ideológico, o conjunto de ideias mestras que animam, em geral,

estas mobilizações que têm nas ruas o espaço mais evidente de expressão. Neste aspecto, é possível afirmar que uma gama de ideias gerais, que vão do “vamos quebrar tudo” ao “isto é mesmo necessário”, se fazem presentes.

A composição heterogênea da forma de mobilização e luta presente no Occupy se reflete diretamente nesta ausência de rumos. Dilemas internos resultantes da aglutinação tanto de elementos ideologicamente radicalizados, quanto daqueles essencialmente moderados, em decorrência da situação e posição de classe que os marca.

Estes limites decorrem tanto do fato de que a espontaneidade que marca estas manifestações não se pretende a realização de um projeto claro. Um norte preciso fica entregue à própria dinâmica destas formas de expressão, caso elas tenham continuidade e se solidifiquem para além de sua dimensão midiática ou cyberspacial. Occupy repete, assim, limites já presentes nas manifestações anti-globalização iniciadas pela ocupação das ruas em Seattle, em 1999, depois Praga e outros países. Estes limites se apresentam, mais uma vez transparentes, na voz de um dos próprios animadores desta forma de mobilização.

Ao elemento pequeno burguês, une-se o ideário anarquista, que garante a estas expressões particulares, o 15-M e os Occupy, a dimensão de uma falsa radicalidade, capaz de comprometer efetivamente as estruturas sociais contra as quais investem. Esta falsa radicalidade explica em parte a relação que estas formas de exprimir-se nas ruas guarda com aqueles que dela não participam e, sim, apenas, acompanham.

Os elementos assinalados permitem pois observar que a amplitude midiática assumida pela diversidade de manifestações abordadas tem sido inversamente proporcional a uma análise mais cuidadosa sobre seu significado. Afinal, no caso particular dos Occupy, quais as possibilidades reais ou imaginárias contidas na iniciativa de ocupar as ruas, inicialmente no principal centro financeiro dos Estados Unidos. A capacidade de irradiação desta iniciativa para mais de 900 cidades e fazendo-se presente, igualmente, em diversos países, atestam para a retomada das lutas de massas ou, pelos pressupostos nos quais estão assentadas tendem a se esgotar rapidamente, sem produzir desdobramentos outros para além da indignação ? Enfim, trata-se de um desabafo da “fera agonizada” ou um movimento? Enquanto tal, pode ser classificada como movimento social ? Igualmente importante: quem são, efetivamente, os ocupantes, enquanto

agrupamento social e qual leitura, por fim, fazem à atual sociedade, alvo de seus questionamentos? Responder a estas questões não é tarefa fácil e aqui foram avançados apenas alguns elementos para a análise, de tal modo que, no atual estágio de investigações, qualquer resposta que se pretenda definitiva estará marcada mais pelo desejo do que pela realidade que se desenha. As dificuldades são empiricamente constatáveis, por exemplo, na leitura do conjunto de artigos que compõem o livro *Occupy*, salvo alguns momentos, de caráter mais jornalístico que científico, malgrado o nível dos intelectuais ali reunidos.

Marcadas pela espontaneidade das massas, sem que as mesmas sejam essencialmente ou, mesmo, majoritariamente proletárias, este processo exige, inclusive, a investigação ou retomada do campo conceitual que tem sido utilizado e, inclusive, daquele proposto pelo pensamento clássico de esquerda. Isto permitirá reconhecer, de início, o quão distante se encontram estas manifestações de exprimirem-se enquanto verdadeiros movimentos sociais, uma vez que a questão das classes fica em geral relevada a segundo ou enésimo plano, para dar lugar a outros referenciais como etnia ou identidade cultural e social dos participantes.

## **BIBLIOGRAFIA**

**RUSSO**, Rodrigo, Bancos da Espanha registram recorde de créditos podres. Folha de São Paulo, Mundo, Sábado, 19 de maio de 2012.

**YANNICK**, Harrel, Internet: catalyseur d'un nouveau paradigme économique, générationnel et géopolitique. In: **Revue Défense Nationale**, n° 160.

**ACHCAR**, Gilbert, As camadas médias no levante árabe. In: Le Monde Diplomatique Brasil, S.P., Ed. Palavra Livre/Polis, mai 2012.

**KEMPF**, Rahaël, Afetada ela rise, a classe média vai às ruas. In: e Monde Diplomatique Brasi, Maio, S.P., Editora Livre/Polis, 2012.

**KEMPF**, Raphaël, De Londres a SP, Editora Livre/Polis, mai 2012.

**HARDT**, Michael e **NEGRI**, Toni, Le combat pour La “democratie réelle” au coeur de “Occupy Wall Street. In <http://www.mouvements.info/Le-combat-pour-la-democratie.html>. Acesso em 04 de julho de 2012.

**KNABB**, Ken, “Il NE s’agit pás d’une série de protestations, mais d’un mouvement”. In: **Article 11**, Jeudi, 10 novembre 2011. Site: <http://WWW.article11.info/?Ken-Knabb-Il-ne-s-agit-pas-d-une>. Acessado em 06/05/2012.

Europa: 17% dos jovens não têm emprego; outros nem buscam mais. In: Vermelho. [www.vermelho.org.br](http://www.vermelho.org.br). Acesso em 19 de maio de 2012.